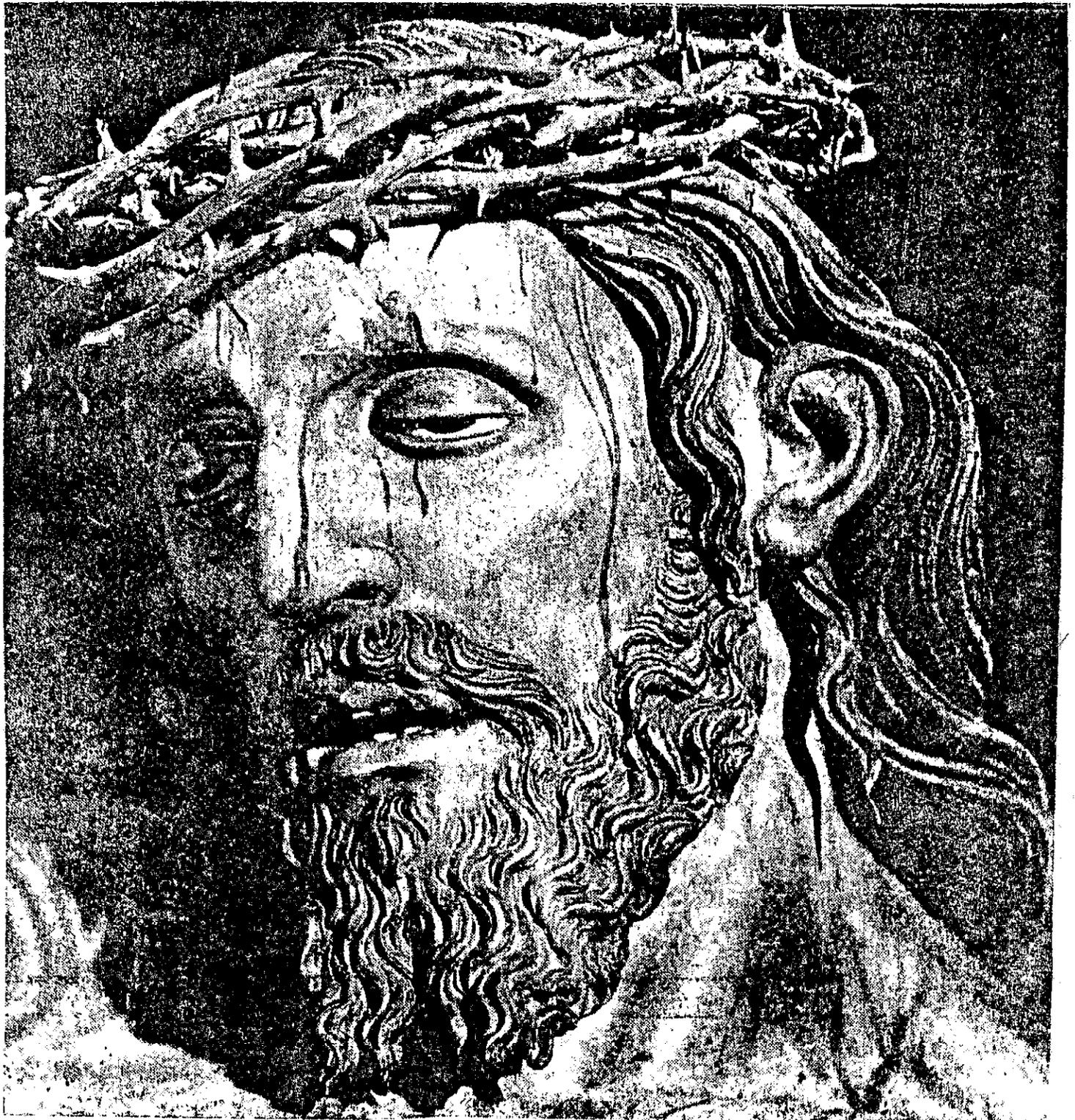


O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL «SANTA MARIA»



foi ferido por causa de nossas iniquidades

ANO 9

MARÇO 88

NUMERO 99

Escrevem os leitores

"...Faz exatamente um ano que venho recebendo esta maravilhosa revista que muito tem me ajudado para as minhas reflexões do dia-a-dia, como também sei que tem ajudado a outras famílias. Os pensamentos que vem em cada rodapé das páginas são de grande profundidade..."

ANTÔNIO PEREIRA DA SILVA
GOIÂNIA - GO

"Fiquei muito contente ao receber um boletim deste importante e precioso meio de comunicação cristã.

É bom saber que ainda há pessoas que se preocupam em propagar a devoção à Nossa Querida Mãe, Maria....."

PATRICIA JANE RUSSO
ARARAS - SP

"Meus amigos, sinto-me honrado por receber o vosso jornalzinho.....
...vou mudar de endereço e gostaria de continuar recebendo, se possível, a partir do próximo número..."

GILBERTO PEREIRA GOMES
TOCANTINÓPOLIS - GO

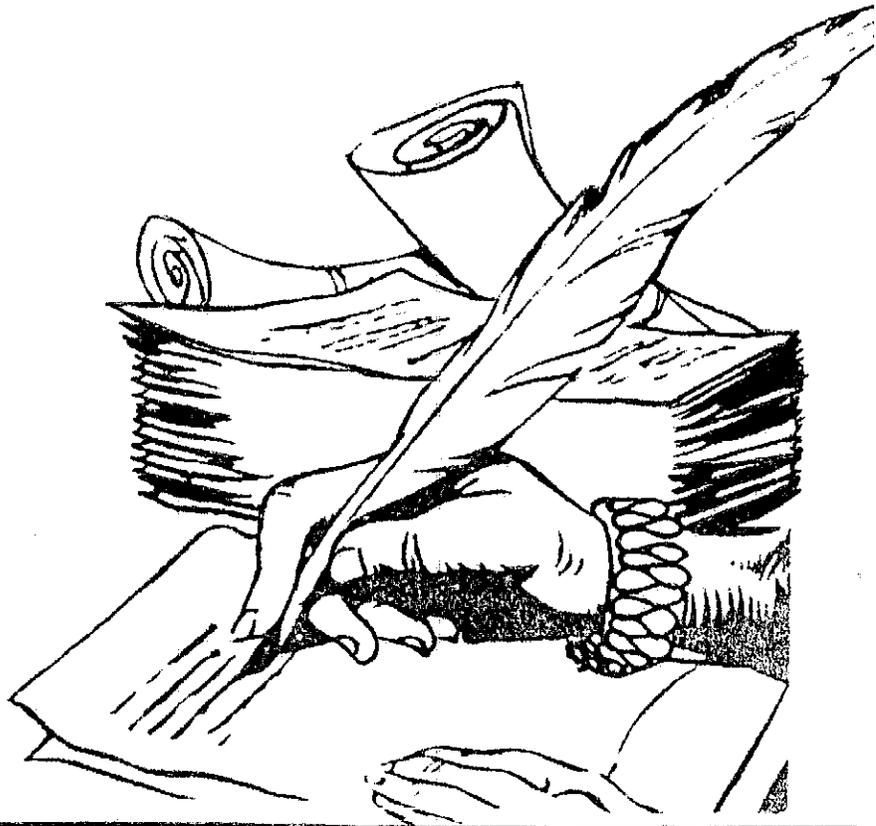
"Já faz um bom tempo que venho recebendo este maravilhoso jornal e outras publicações católicas; mas este jornal é a meu ver o que melhor se orienta no caminho deixado por Jesus,..."

LUIZ M. FILHO
ITAPETINGA - SP

"Venho por meio desta agradecer o 1º exemplar de "O DESBRAVADOR" que recebi em minha casa.

...é um jornal que nosso século está precisando. Achei uma riqueza incomparável em cada página que li..."

NAIR MATEUS DUECK
SÃO PAULO - SP



O DESBRAVADOR

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

DIRETOR:

MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTES DE DIREÇÃO

ANSELMO LÁZARO BRANCO
VALMIR DE CASTRO

SUPERVISÃO

SELMA AP. L. B. DE MATOS
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSE DE MATOS
LIA MAURA DE FREITAS

COMPOSIÇÃO

ESTUDIO "FRA ANGÉLICO"

REDAÇÃO

JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
SÉRGIO BORGES F. MOLINARI
SÁVIO FERNANDES BEZERRA
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
MARIA DO CARMO M. RUFINO

SECRETARIA

SHEFFERSON SANDER FERREIRA
LAURINDO GONÇALVES
ALYSSON LUIS DO CARMO
VICENTE WALTIER S. MACHADO

EXPEDIÇÃO

EDSON RODRIGUES DOS SANTOS
ROMILSON CHAVES SILVA
ROBERTO MANGINI
WALADYER NERI S. MACHADO
LUIZ AKIO YASUTAKE
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
EDVAN RODRIGUES DOS SANTOS

CORRESPONDÊNCIA

CAIXA POSTAL 6416
01051 SÃO PAULO - SP

Editorial

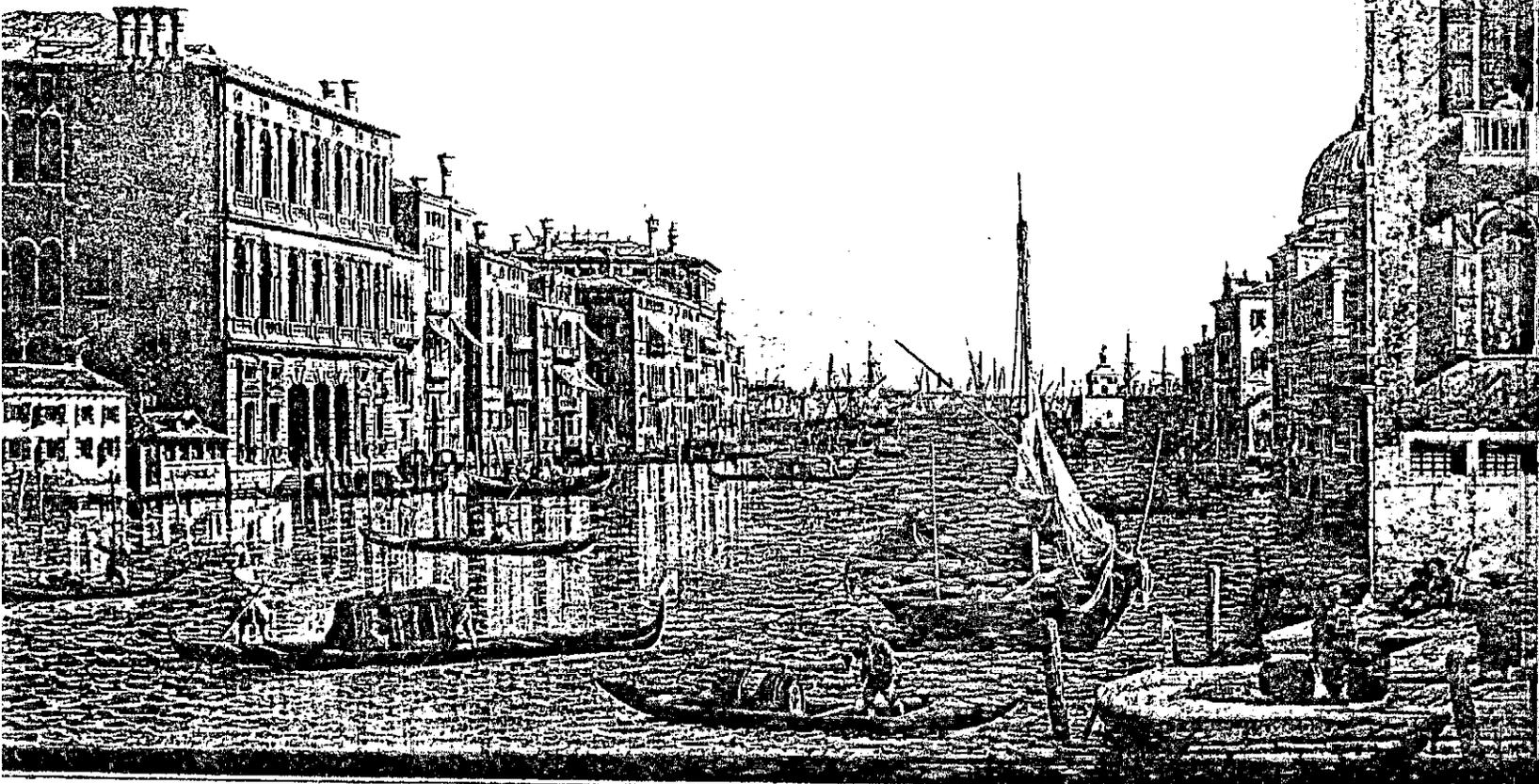
Os homens de nossos dias procuram encontrar já nessa vida uma espécie de Paraíso Terrestre. Na medida em que não creem na Eternidade, ou pelo menos em que vivem como se não houvesse um local de prêmio para os bons e outro de castigo para os maus, eles procuram uma falsa felicidade, uma alegria fugaz neste mundo. Mas essa busca de realização terrena conduz a constantes desilusões. Sim, sendo esse mundo um vale de lágrimas, sendo um campo de batalhas que nos prepara para a grande vitória do Céu, não pode haver nele alegria a não ser que imitemos Aquele que é a Alegria dos que estão tristes, a Felicidade dos infelizes, a Paz dos inquietos que não conseguem ter paz. Verdadeiramente, somente no seguimento e na imitação de Nosso Senhor Jesus Cristo realizaremos a nós mesmos e seremos felizes na medida em que é possível nessa vida e na plenitude, na Eternidade.

O Próprio Cristo nos disse que quem quisesse segui-lo, deveria renunciar a si mesmo, tomar sua cruz. E, esse seguimento jamais fará do homem um infeliz, antes, pelo contrário trará a ele a verdadeira consolação.

Sofrer, todos sofremos, mas somente sofre com serenidade quem, a exemplo de Nosso Senhor, carrega a sua cruz com amor.

Dentre as criaturas humanas, quem mais sofreu do que Nossa Senhora? Entretanto, quem mais do que Ela recebeu consolos celestiais?

Peçamos então a Ela que nos faça ver que a terra não é lugar de descanso, mas de lutas por Deus que se converterão em vitórias se não fraquejarmos e como Nosso Senhor chegarmos ao Calvário para depois chegarmos à Ressurreição.



"AMO-VOS, Ó MEU DEUS, E NÃO DESEJO O CÉU SENÃO PARA TER A FELICIDADE DE VOS AMAR PERFEITAMENTE" (Santo Afonso Maria de Ligório)

Paixão de Cristo!

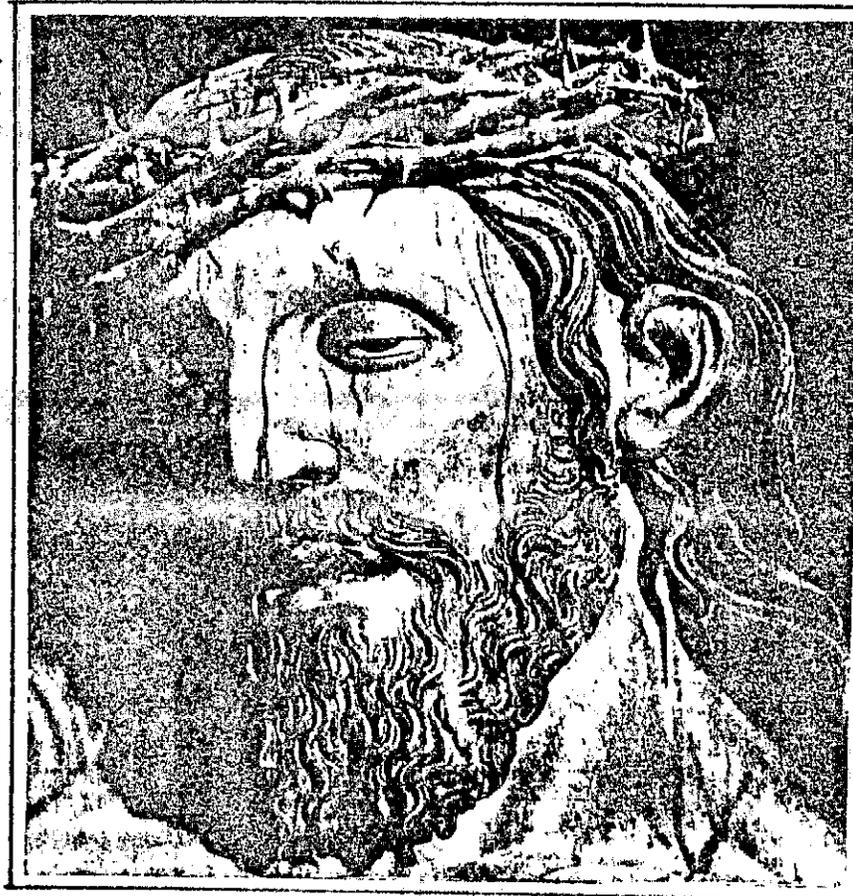
Confortai-me

Sem a Igreja de Jesus Cristo não há caridade verdadeira. Não negamos que possa haver almas que vivem fora da Igreja, em nossa civilização atual, e que fazem bem ao próximo. Elas possuíram a Fé, e essa Fé que perderam deixou nelas um vago perfume, como o que fica no vaso de que retiramos as rosas. Mas, de fato, a caridade ou é cristã ou não existe, e o cristianismo, ou é católico, ou é uma falsificação.

E, no Catolicismo, qual o maior foco de caridade? A contemplação da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. É na meditação minuciosa do que sofreu o "Homem das Dores", é na lembrança afetiva e constante daquele em que "do alto da cabeça até a planta dos pés não havia um só lugar que fosse sã", é tendo diante dos nossos olhos dia e noite Aquele que, sob a mão violenta de seus adversários, foi desfigurado a ponto de ser "um verme e não um homem, o opróbrio dos homens e o escárnio do povo", que nosso coração se dilata para a comiseração para com os próximos.

Revendo em todo sofrimento um sofrimento do próprio Cristo, em toda a chaga uma chaga de Cristo, remediando todo sofrimento, curando toda chaga, como se debruçássemos nossa alma amorosa sobre tanta dor, como se aplicássemos com nossos próprios dedos a chaga de Cristo, o bálsamo confortador, é com este meio que verdadeiramente teremos a virtude da caridade.

Narra a História que antes de Cristo, não havia hospitais nem instituições de caridade. Foi uma católica, Fabiula, quem fundou o primeiro hospital. De lá para cá, quantas obras de caridade se tem fundado! De onde nascem? Das chagas santíssimas de Nosso Senhor Jesus Cristo pregado na Cruz. É da Paixão de Cristo que nasceu o conforto de tantas criaturas sofredoras.



Mas não é só. O melhor bálsamo para as dores humanas não é o renéio, é a compaixão. Compaixão, "com-paixão", é o sofrimento em união com o próximo, só porque o próximo sofre. É o reflexo dos sofrimentos alheios em nossa própria alma.

Como fazer brotar do coração humano, tão frio, tão duro, tão egoístico, a flor da compaixão? Pela meditação da Paixão de Cristo. As almas repletas dessa meditação sabem verdadeiramente condoer-se do próximo. São elas têm em seus gestos bastante ternura, em sua voz bastante sinceridade, em seu procedimento bastante discrição, para destilar na alma sofredora do próximo o remédio inigualável da compaixão.

Se da Paixão de Cristo brota a misericórdia, brotam as obras de misericórdia, brota a consolação, que jaculatória mais adequada para todos os que desejam fazer caridade, senão esta: "Passio Christi, conforta me"? (Paixão de Cristo, confortai-me).

(Agência Boa Imprensa - ABIM)

"FOI FLAQUEADO - ELE QUE EXPELIU DOS CORPOS DOS HOMENS OS FLAQUELOS DE TODAS AS DORES"
(Santo Agostinho)

S. Domingos Sávio:

UM JOVEM, UM SANTO



São Domingos Sávio foi um menino que se santificou de maneira exemplar em seus quase quinze anos de vida. Santificou-se no cumprimento de seus deveres cotidianos, numa pureza de vida irrepreensível, numa devoção exemplar a Nossa Senhora. Vejamos alguns fatos de sua vida narrados por seu mestre e biógrafo São João Bosco.

A piedade de Domingos crescia a olhos vistos. Tinha apenas quatro anos e não era já necessário dizer-lhe que rezasse as orações da manhã e da noite, antes e depois da comida e ao toque das Ave-Marias; pelo contrário, era ele o que lembrava aos outros todas as vezes que se esqueciam.

Um dia em que os pais, um pouco distraídos com as voltas e canseiras da vida, se sentaram à mesa sem rezar, Domingos exclamou logo: — "Pai, ainda não pedimos a Deus que abençoe a nossa mesa". Dito isto, começou a fazer o sinal da cruz e, juntando as mãozinhas, rezou a oração de costume.

Noutra ocasião sucedeu que um forasteiro, hospedando-se na casa dos pais, começou a comer sem rezar oração alguma. Domingos, não se atrevendo a avisá-lo, retirou-se para um canto da casa. Interrogado depois pelos pais, respondeu: — "Não tive ânimo de me sentar à mesa com uma pessoa que se põe a comer como os animais".

- o -

É justamente no decorrer deste ano que a vida de Domingos nos oferece um fato, que classificarei de heróico, e que parece incrível em tão tenra idade. Trata-se de uma bulha entre dois dos seus companheiros, que se desavieram à custa de palavras ditas reciprocamente em desdouro das respectivas famílias. Depois de algumas palavras desabridas e insultantes, desafiaram-se para um duelo à pedrada.

Domingos soube desse intento, mas como impedi-lo, sendo os dois rivais maiores e mais fortes do que ele? Tentou persuadi-los a desistirem de semelhante propósito, mostrando-lhes que a vingança era contrária à razão e à santa lei de Deus. Escreveu cartas a um e a outro; ameaçou-os de participar o caso aos professores e até aos pais, mas tudo foi em vão. Os ânimos estavam tão excitados, que era inútil qualquer conselho. Além do perigo de se magoarem gravemente, havia outro: o da ofensa de Deus. Domingos andava oprimido e acabrunhado, não sabendo como evitar o encontro projetado.

Deus inspirou-o a proceder do seguinte modo: esperou-os fora da aula, e, chamando cada um à parte, disse-lhes:

— Desde que persistis no vosso reproável intento peço-vos que aceiteis, ao menos uma condição.

— Aceitamo-la, contanto que não estorve o nosso desafio.

— Esse sujeito é um patife — replicou logo um deles — e não sossegarei enquanto não lhe rachar a cabeça.

Domingos tremia ao ouvir tão brutal discussão. No entanto, empenhado em evitar mal maior, parou e disse:

— A condição que vos imponho não impede o desafio.

— Qual é ela, então?

— Desejaria dizê-la só no lugar onde quereis bater-vos à pedrada.

— Estás a brincar conosco — replicou um deles — ou então procuras pôr-nos algum obstáculo...

— Estarei simplesmente ao vosso lado, e não vos enganarei; podeis ficar descansados.

— Vais talvez chamar alguém?...

— Deveria fazê-lo, mas não o faço. Irei eu só convosco. Mas sede fiéis à palavra dada.

Prometeram-lhe e dirigiram-se para os terrenos da *Cittadella*, fora da porta Susa.

Era tal o ódio dos dois contendores, que só a muito custo Domingos pode impedir que chegassem a vias de fato durante o breve trajeto.

Chegados ao local determinado, Domingos Sávio fez uma coisa em que ninguém, certamente, teria pensado. Deixou que se colocassem a certa distância, tendo cada um cinco pedras na mão, e falou-lhes assim:

— Antes de começar o desafio, quero que cumprais a condição que aceitastes.

E, tirando um pequeno Crucifixo, que trazia ao pescoço, ergueu-o numa mão, e acrescentou:

— Quero que cada um de vós ponha os olhos neste Crucifixo e que depois, atirando-me uma pedra, diga em voz alta estas palavras: "Jesus Cristo inocente morreu perdando aos seus algozes, e eu, pecador, quero ofendê-lo e vingarme".

Dito isto, ajoelhou-se aos pés daquele que parecia mais furioso, dizendo:

— Atira a primeira pedra contra mim; anda, parte-me a cabeça...

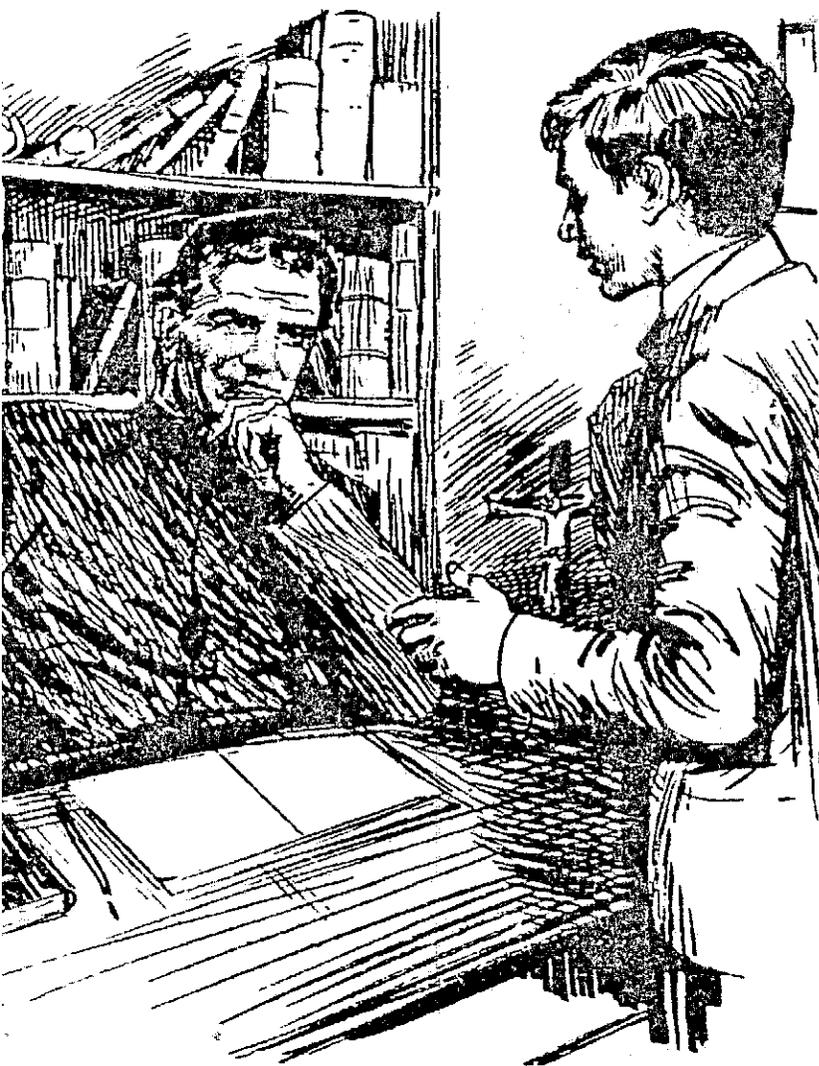
O rapaz, que não esperava semelhante coisa, pôs-se a tremer e exclamou:

— Lá isso nunca! Nada tenho contra ti, e defender-te-ia se alguém quisesse maltratar-te.

Ouvindo isto, Domingos correu para o outro, e repetir-lhe as mesmas palavras. Este, por seu turno, ficou também perturbado, e, a tremer, respondeu que, sendo seu amigo, não lhe faria mal algum.

Perante isto, Domingos levantou-se, tomou uma atitude severa e disse-lhes:





Exemplo este bem digno de ser imitado por todo o jovem cristão, sempre que lhe aconteça ver o seu semelhante ofendido ou injuriado e com desejos de se vingar.

Mas o que mais honrou o procedimento e a caridade de Domingos Sávio, foi o silêncio que guardou acerca do que se passara. E tudo teria caído no esquecimento se os que tomaram parte na ocorrência não a tivessem contado repetidas vezes.

- o -

Havia seis meses que Domingos entrara no Oratório, quando, um dia, se fez lá um sermão sobre o modo de nos tornarmos santos. O pregador deteve-se, especialmente, a desenvolver três pontos que fizeram funda impressão no espírito de Domingos, a saber: é vontade de Deus que todos nos santifiquemos; é muito fácil conseguir este intento; será copiosamente premiado no céu quem conseguir tornar-se santo. Este sermão foi como que uma centelha que abrasou o seu coração no amor de Deus. Durante alguns dias nadadisse, mas estava menos alegre que de costume. Os companheiros notaram-no, como o havia notado eu. Julgamos que isso fosse causado por novo incomodo de saúde, perguntei-lhe se estava doente.

Respondeu-me logo que não; que se sentia até muito bem.

— Que quer isso dizer?

— Quer dizer que sinto um grande desejo de me santificar. Não pensava que fosse tão fácil. Agora sei que posso tornar-me santo, estando alegre; quero sê-lo de fato, e sinto mesmo absoluta necessidade de o ser. Diga-me Vossa Reverendíssima como devo proceder para conseguir isso.

Louvei o seu propósito, mas exortei-o a que não se inquietasse, porque no meio da agitação não se ouve a voz de Deus; era necessário que estivesse constante e moderadamente alegre. Aconselhei-o a ser perseverante no cumprimento dos seus deveres religiosos e escolares, e recomendei-lhe que não faltasse ao recreio e se divertisse com os seus companheiros.

Um dia disse-lhe que queria dar-lhe um presente, mas do seu gosto, e o escolhesse ele mesmo.

— O presente que peço — respondeu prontamente — é que me ajude a fazer-me santo. Quero entregar-me inteiramente a Nosso Senhor para sempre, pois sinto-me grandemente inclinado a isso; e se não me fizer santo, perco tempo.

— Então, estais ambos dispostos a afrontar até um perigo grave para me defender, a mim que sou uma criatura miserável, e não sois capazes de perdoar um pequenino insulto para salvar a vossa alma, que custou o sangue ao Salvador, e que ides perder com o vosso pecado?

E calou-se, conservando sempre o Crucifixo erguido ao alto.

Perante tal espetáculo de coragem e de caridade, os dois rivais deram-se por vencidos.

"Naquele momento, escreveu um deles, fiquei sem fala. Um arrepio glacial percorreu-me o corpo e fiquei envergonhado por ter obrigado um amigo tão bom, como Domingos, a usar medidas extremas para impedir o nosso malvado desejo. Querendo dar-lhe, ao menos um sinal de aprazimento, perdoei de todo o coração a quem me tinha ofendido, e pedi a Domingos que me indicasse um paciente e caridoso sacerdote que me confessasse. E, desta maneira, depois de me ter reconciliado com o meu companheiro, reconciliei-me com Nosso Senhor a quem tinha ofendido gravemente com meus desejos de vingança".

Deus quer que eu me santifique: devo cumprir a Sua vontade.

Noutra ocasião o diretor quis dar um sinal de particular afeto aos seus alunos: a licença de pedirem por escrito o que quisessem. Podemos facilmente imaginar pedidos extravagantes e ridículos formulados por quase todos. Domingos Sávio, pegando num pedacinho de papel, escreveu estas palavras: *Pereço que me faça santo.*

Sacrificava quase sempre uma parte do recreio para ir à igreja e ali rezar a coroa das Sete Dores de Maria, ou, pelo menos, a ladainha de Nossa Senhora das Dores.

Não se contentava em ser devoto de Maria Virgem Imaculada. Em honra da celeste Senhora fazia todos os dias alguma mortificação. Nunca fitava pessoas de sexo diferente. Indo às aulas, raramente levantava os olhos do chão. Passando às vezes perto de espetáculos públicos, que para os companheiros era objeto de curiosidade e de satisfação, ao perguntarem-lhe se tinha gostado, Domingos respondia que não tinha visto nada.

Um dia, um companheiro encolerizado reprovou esse mau modo de proceder, dizendo-lhe:

— Para que tens tu esses olhos, meu parvo, se não vês tais coisas?



— Os meus olhos, respandey Domingos, quero-os para ver o rosto da Nossa Mãe Celeste, a Virgem Maria, quando, se for digno disso, me receber Deus no Paraíso.

Cultivava uma devoção especial ao Imaculado Coração de Maria. Todas as vezes que entrava numa igreja, ia direto ao seu altar para lhe pedir que conservasse o seu coração bem longe de qualquer impureza.

— Maria, — dizia ele — quero ser sempre vosso filho. Fazei que morra antes que suceda a desgraça de cometer um pecado contra a modéstia.

Tomava parte, com arroubos de alegria, em todas as cerimônias que tivessem por fim honrar o Santíssimo Sacramento. Se acontecia encontrar o Viático, ao ser levado a algum doente, ajoelhava-se logo, onde quer que fosse, e, se tinha tempo, acompanhava-o até terminar a cerimônia.

Um dia passou o Viático perto dele. Chovia e os caminhos estavam enlameados. Não tendo outro sítio para se ajoelhar, ajoelhou-se mesmo sobre a lama. Um dos seus amigos repreendeu-o depois, observando-lhe que, em tais circunstâncias, Nosso Senhor não exigia tanto. Domingos respondeu-lhe:

— "Joelhos e calças tudo é de Deus: por isso, tudo deve servir para lhe dar honra e glória. Quando passo perto d'Ele, não só me atiraria ao chão para honrá-Lo, mas até a uma fornalha, porque assim participaria do fogo da caridade infinita que O impeliu a instituir este grande Sacramento".

8. "QUANTOS VIVEM ESQUECIDOS DOS SOFRIMENTOS DE JESUS! ESTES ANDAM CONFUSOS E ERRANTES NA TREVA DO PECADO" (São Paulo da Cruz)

S.O.S. PEDIMOS AJUDA

Há mais de oito anos estamos lutando para desbravar o nosso país através de nosso jornal.

Desde o primeiro número até hoje ele tem sido gratuito e assim continuará, por mercê de Nossa Senhora.

Temos tido dificuldades: aumento da tiragem, o encarecimento dos custos, e a própria inflação tem tornado árdua a nossa tarefa.

Por outro lado, vários leitores escrevem dizendo como fazer para nos ajudar. Sendo assim, resolvemos apelar para a vossa bondade e generosidade. Pedimos vossa ajuda, estamos necessitando dela.

Como podeis fazê-lo:

É só depositar qualquer quantia em uma de nossas contas, seja no Bradesco, seja no Itaú. Em qualquer agência desses bancos é possível fazer o depósito. Aqui vão os dados:

NO BANCO ITAÚ:

CONTA CORRENTE NÚMERO 00433-0, EM NOME DO GRÊMIO ESPORTIVO RECREATIVO CULTURAL SANTA MARIA - AGÊNCIA 0003-MERCÚRIO-SÃO PAULO-SP.

NO BRADESCO:

CONTA CORRENTE NÚMERO 24.019-2, EM NOME DO GRÊMIO ESPORTIVO RECREATIVO CULTURAL SANTA MARIA - AGÊNCIA 278-P - GAZÔMETRO - SÃO PAULO-SP.



SAMBA & CATÁSTROFE

Logo após o último carnaval, comentava-se que este fora um dos mais indecentes e imorais da história.

Parecia que o Brasil e em especial o Rio de Janeiro haviam se transformado em novas Sodomas.

Algumas pessoas chegaram ao cúmulo de elogiar essa terrível situação.

Nem uma semana se passara e os meios de comunicação noticiaram que chuvas devastadoras e desabamentos enormes afligiam a população do Rio de Janeiro e cidades adjacentes.

Ao mostrar essa catástrofe, a televisão francesa entremeava cenas da tragédia com outras dos bailes carnavalescos do Rio de Janeiro e dizia se não seria um castigo como o de Sodoma e Gomorra.

E nós aqui perguntamos se não poderia ademais ser um aviso que mostrasse aos homens o que pode acontecer a essa humanidade podre se não parar de ofender a Deus, se não cessar a indiferença para com Ele, se não quiser reconhecer que Nosso Senhor é o Rei e Nossa Senhora a Rainha de nossos corações.

"Hosana ao filho de David!"



"A Entrada em Jerusalém", Giotto (1267-1337), Capela Arena, Pádua, Itália

A festividade do Domingo de Ramos, que a Sagrada Liturgia comemorou ontem, nos leva a tecer algumas considerações sobre a mutabilidade e ingrátidão dos homens. Tais reflexões ganham colorido se imaginarmos as cenas apresentadas abaixo, que poderiam perfeitamente ter transcorrido em Jerusalém, na época da Paixão de Nosso Senhor.

Alguns mercadores que passavam pelo centro de Jerusalém, naquela manhã ensolarada, notaram que a cidade parecia mais festiva. Com efeito, em várias de suas ruelas calçadas de pedra, haviam sido colocados longos arbustos, de um e outro lado da rua, unidos pelas pontas, formando arcos. Nas proximidades do Templo, entre plantas e árvores, encontravam-se cordeiros, ovelhas e aves de pequeno longo, adornadas com fitas coloridas, como se costumava vendê-las para os sacrifícios.

Chegando a alguma das várias hospedarias da cidade, os mercadores desceram de suas montarias, retiraram as cargas comerciais que amontoaram a um canto da estrebaria, e recomendaram aos servos da estalagem que dessem de comer e beber aos animais, enquanto eles próprios tomavam algum alimento e descanso.

Subitamente, um ruído de aclamações, cânticos, gritos de alegria começaram a se fazer ouvir, cada vez mais nitidamente. Curiosos, os mercadores saíram à porta das hospedagens para ver o que se passava.

A uma certa distância, perceberam um cortejo que vinha em direção ao Templo. No centro, montado num jumento coberto de mantos, estava um homem majestoso, belo, abençoando a multidão que, delirante, agitava palmas e ramos de oliveira.

O TRIUNFO DOS RAMOS
— "O que é isto?", perguntou um daqueles comerciantes a seu estalajadeiro, que também se aproximara. "Quem é Aquele que ali vem?"

— "Não O conheceis?", respondeu o dono da hospedaria. "É Jesus, o Profeta, que é de Nazaré, na Galiléia"

"Por que O aclamam dessa forma?", insistiu o mercador, intrigado.

— "Vê-se que vindes de longe, pois não tendes conhecimentodas últimas maravilhas operadas por esse Jesus", replicou o estalajadeiro. Há pouco, ressuscitou Lázaro, de Betânia, que estava quatro dias no sepulcro. Curou cegos de nascença, deu voz aos mudos, sarou a lepra de vários enfermos, multiplicou pão e peixes no deserto".

O cortejo se aproximou. Os brados de alegria se faziam ouvir distintamente: "Hosana! Bendito o Rei de Israel que vem em nome do Senhor". Muitos, do povo, tirando seus mantos, estendiam-nos pelo caminho.

Quando Jesus estava perto, o forasteiro viu um fariseu aproximar-se d'Ele, dizendo: "Mestre, fazei calar Vossos discípulos". Ao que lhe respondeu Jesus, com plácida majestade: "Eu vos declaro que se eles se calarem, as próprias pedras do caminho falarão". Após esta resposta, o mercador observou o fariseu retirar-se com o semblante cheio de ódio.

O povo, no entanto, continuava a aclamá-Lo e a colocar em Seu trajeto grande número, de enfermos, de toda espécie, a fim de serem curados.

A VIA DOLOROSA
Alguns dias depois, os comerciantes, em sua viagem de volta, passaram novamente pelo centro de Jerusalém. A cidade estava agitada, e um clima pesado pairava sobre ela.

Em determinado trecho de seu trajeto, depararam os mercadores com um cortejo. Mas, como este era diferente do que aquele por eles presenciado dias atrás! Um povo histérico, agitado e nervoso, lançava toda sorte de improperios contra um condenado que, sangrando, carregava pesada cruz às costas. Trazia Ele uma coroa de espinhos sobre a cabeça. Seus traços fisionômicos, que apesar dos padecimentos, vislumbrava-se terem sido formosos, estavam quase desaparecidos em virtude das chagas, do sangue, dos escarros, como também da poeira do caminho.

Um dos mercadores exclamou: "Deve ser um grande criminoso este a quem tratam desta maneira".

— "Mais parece um verme e não um homem, o objeto de desprezo de todos", acrescentou outro.

Indagaram então, aqueles homens quem era e o que fizera tal condenado sobre Quem se descarregavam tantos ultrajes e manifestações de ódio.

— "Não sabeis?", respondeu o transeunte. "Trata-se

de Jesus de Nazaré, a Quem uns consideram Filho de Deus, outros, Profeta; e outros, finalmente, impostor".

— "Não é o mesmo que, há dias, vimos sendo aclamado calorosamente, neste mesmo percurso?", perguntou-lhe um dos comerciantes.

— "Realmente", redarguiu o passante. "Vede: aquele que agora atirou-lhe uma pedra é um dos leprosos a quem Ele curou. Aquele outro que O está injuriando é um mudo a que Jesus de Nazaré restituiu a palavra. E alguns que se encontram, timidamente, no meio da multidão, demonstrando certa compaixão por Ele, eram seus discípulos. Mas não querem se comprometer, porque temem a ira dos fariseus".

O trágico cortejo passou. Os mercadores, um tanto perplexos, retomaram a viagem rumo a suas pátrias. E procuraram afastar de suas mentes a dramática cena que presenciaram...

Quantos de nós, caros leitores, após termos nos detido alguns instantes na consideração do profundo Mistério da Redenção dos homens — se é o que fizemos seriamente alguma vez — prosseguimos nosso caminho pela vida, sem considerarmos mais o infinito preço que nossa salvação custou ao Deus humanado! Alguns de nós não estará imitando a atitude de comodismo, frieza e indiferença daqueles mercadores, diante dos incomensuráveis padecimentos do Redentor?